



shutterstock.com · 532523422

## **As fórmulas da sexuação: transmitir o impossível?**

*Por Renata Tavares Imperial*

Em suas fórmulas da sexuação, Lacan (1985) realiza, mais uma vez, uma aproximação com a lógica matemática. O interesse de Lacan (1985) por este campo de saber é explicitado em seu *Seminário 20, Mais, ainda*, ao dizer que “a formalização matemática é nosso fim, nosso ideal. Por quê? Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de transmitir integralmente” (p.127). O que Lacan queria transmitir? Neste momento de sua transmissão, Lacan era movido pelo seu interesse pelo real: como chegar ao real por meio das palavras? Qual a relação entre linguagem e real? Estas e outras perguntas giram em torno da relação simbólico-real, e seus impasses, como o próprio Lacan anuncia: “a formalização matemática é escrita, mas que só subsiste se eu emprego, para apresentá-la, a língua que uso. Aí que está a objeção – nenhuma formalização da língua é transmissível sem uso da própria língua” (p.127). As fórmulas da sexuação entrariam na série de tentativas de Lacan em transmitir o impossível? Na busca por transmitir o impossível da relação do falasser com o real do sexo?

Lacan (1985), com a elaboração das fórmulas da sexuação efetiva sua proposta do além do falo, ou seja, foi além do impasse freudiano da concepção de masculino e feminino referenciado ao ter ou ser o falo, respectivamente. Do lado esquerdo do quadro das fórmulas da sexuação, Lacan localiza a lógica do lado homem, ali onde a existência de uma exceção ( $\exists x . \overline{\Phi x}$ ) dá lugar ao todos regidos pela função fálica ( $\forall x . \Phi x$ ). Em contrapartida, para a mulher, em que não há exceção, pois não existe ao menos uma que

diga não à castração ( $\overline{\exists x} \cdot \overline{\Phi x}$ ) – tomada *não-toda* ( $\forall x \cdot \overline{\Phi x}$ ) pelas redes do falo – restariam abertas as vias para o encontro, sempre contingente, com um Outro que não o fálico: feminino.

Lacan (1985) demonstrou com estas fórmulas, que não todos estão submetidos à castração. Esta constatação, a princípio, serviria às mulheres, mas Lacan a generalizou, permitindo-lhe “destacar o que chamou de *sinthoma*, o modo de gozo singular de cada um, para além ou resto da função fálica”<sup>1</sup>. Em outros termos, não todo gozo é gozo fálico, há um outro gozo não submetido ao falo, que foi nomeado como gozo feminino, que Lacan inscreve no lado direito do quadro das fórmulas da sexuação.

Se o homem tenta “enclausurar que há outra lógica que a fálica”, como nos bem-diz Luiz Tudanca (2012)<sup>2</sup>, podemos dizer que a mulher, dividida entre a histeria e a feminilidade, tenta se desembaraçar com esta OUTRA lógica, a lógica do *não-todo*, do feminino, que a atravessa como falasser?

As fórmulas da sexuação de Lacan não devem ser tomadas como um discurso universal do que sejam homens e mulheres, uma teoria de gênero lacaniana, não se trata disso. Bassols (2021), nos indica que “o termo sexuação foi retomado por Lacan de modo diferente do que se entende habitualmente por identidade sexual ou de gênero”<sup>3</sup> (p. 410). Jesus Santiago (2014) ratifica esta perspectiva lacaniana das fórmulas da sexuação e articula com a proposta do passe *sinthoma*: “No que concerne ao final da análise, não se costuma falar de homens ou mulheres no plural, pois o que importa é a relação singular de cada um com a solução para seu problema de gozo – ou seja, cada um tece como pode a sua própria solução” (p.43).

Como podemos nos servir dos testemunhos de passe dos AEs<sup>4</sup> para melhor compreender as elaborações de Lacan sobre as fórmulas da sexuação e o impossível do gozo feminino? Como os AEs, em seus testemunhos, transmitem o impossível?

A concepção do passe muda ao longo do ensino de Lacan. Miller destaca dois momentos: a travessia da fantasia e o *sinthoma*. Interessa sublinhar o segundo momento,

---

<sup>1</sup> Elisa Alvarenga no argumento do quarto eixo temático das III Jornadas da Seção Leste-Oeste, dedicado as fórmulas da sexuação, publicado no Boletim Arranjos #1.

<sup>2</sup> Em seu testemunho como AE, Analista da Escola, publicado em “O que se passa? Análises lacanianas e outras histórias. HOLK, A. L. L. e SANTOS, A. R. (orgs.). Rio de Janeiro: Subversos, 2012.

<sup>3</sup> Tradução livre. No original: “El término ‘sexuación’ fue retomado por Lacan de modo distinto que se entiende habitualmente por identidad sexual o de género”.

<sup>4</sup> AE significa Analista da Escola.

em que a concepção de sintoma implica que há uma incidência no real, mas que este como tal continuará intocado, como um resto incurável. Portanto, com o sintoma “trata-se de poder cingir um certo número de pontos de impossível e a tentativa de demonstrar o impossível, em uma via além da verdade mentirosa” (HOLK, 2011, p.206).

Jesus Santiago (2014), em um de seus testemunhos como AE, transmite o que foi sua experiência em análise de “desgastar<sup>5</sup> o crédito conferido ao engodo da posse fálica, que poderia servir de amparo à virilidade do macho” (p.44). Neste testemunho, em especial, intitulado “O engodo viril”, Jesus Santiago (2014) apresenta “a força da fantasia” (p.41) com seu aparato identificatório à virilidade materna, e os entraves à vida amorosa que sua fantasia lhe causava. Na última parte de seu testemunho, nomeada como *Resíduo fálico*, Jesus Santiago (2014) nos apresenta um saber-fazer com o falo como resíduo. Com este testemunho, ele transmite sua solução encontrada para lidar com o seu “uso autístico do falo” (p.43) e seus impasses com o impossível do gozo feminino: “ao colocar-se a serviço do ideal viril, o uso autístico do falo, refém do circuito fantasístico do gozo, alojava no seu âmago, também um efeito feminizante que, no fundo, era mortificador. E era mortificador porque, embaraçado pelo ter, eu não podia ceder ao amor, já que, além do compromisso rígido com a fantasia, tal doação era sentida como perda – uma perda fálica. Para amar, faz-se necessária, no homem, uma aproximação com o feminino. (...) As chances de poder viver o amor para além de sua impotência exigiam-me, na verdade, dissolver a miragem de que o falo consiste em meio de defesa, a fim de possibilitar, ao contrário, que se constituísse um objeto removível a serviço do furo próprio da pulsão” (p.43).

Jesus Santiago (2014) explicita o saber-fazer com o falo – separado do engodo viril e mais aberto ao encontro, contingencial, com o gozo feminino – ganho do final de análise: “No momento em que o sujeito capta a armadilha que encerra a virilidade, o falo torna-se resíduo, ou seja, explicita-se sua face de semblante que permite verificar o saber-fazer com o amor que se nutre do furo pulsional. (...) Diante do gozo traumático, pouco adianta o imperativo da impostura do masculino, pois, o que conta é que a resposta amorosa, contingencialmente, se apresenta separada do engodo viril” (p.44). Este psicanalista, ainda apresenta uma referência teórica de Lacan sobre o falo, que interessa neste escrito, pois retoma o impasse em transmitir o real: “O falo não equivale, no final

---

<sup>5</sup> No texto o verbo está no passado “desgastava-se”.

da análise, ao real, mas é um semblante especial, pois, ao tornar-se resíduo removível, mostra-se contíguo ao real” (p.45).

Uma outra experiência de passe feita por Silvia Salman (2012), em uma de suas transmissões como AE, testemunha que um falasser que se nomeia como mulher, mesmo não possuindo um órgão corporal que possa ancorar o falo, também estará às voltas com o gozo fálico. Bem como, o acesso ao gozo feminino não é direto, é preciso uma construção em análise. Em seu trabalho analítico, localiza um percurso que vai da identificação aos semblantes fálicos desde a adolescência<sup>6</sup>, até um momento na análise que vivenciou “a transformação de um corpo mortificado e esmagado no desenho<sup>7</sup> a um corpo que pode alojar e suportar uma satisfação. Abre-se, então, uma via possível para encarnar um corpo de mulher” (p. 203).

Ao final da análise, o inconsciente solta um novo significante, “encarnada”, que estava fora da cadeia, estava “acima da mesma”, e que operou “como crítica à função fálica”. Silvia Salman (2012) continua: “desta maneira, escreve a passagem do gozo sempre masoquista do fantasma à posição de objeto causa de desejo. Habitar este lugar na relação com um homem torna possível uma satisfação que não era sentida como tal. Finalmente, o mistério do corpo que fala, que é também o mistério do inconsciente, produziu no final de análise este novo semblante através do qual, ao menos pelo momento, posso me reinventar como mulher” (p.204).

Em psicanálise, sigamos suportando e sustentando o real em jogo, sem deixar de buscar estratégias para lidar com este impossível e suas incidências na sexualidade, amparados, sobretudo, nas invenções de Freud e Lacan, mas também inspirados nas invenções que cada AE encontrou para transmitir o impossível.

### **Referências Bibliográficas:**

BASSOLS, M. Fundamentos de la sexuación en Lacan. In: Lacan Hispano. Buenos Aires: Grama Ediciones: 2021.

LACAN, J. O Seminário, Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

---

<sup>6</sup> “eram tempos em que me identificava aos semblantes fálicos que provinham do pai. Amparada no furor da moda unissex, me vestia com a roupa de homem que era vendida na loja do meu pai. Havia encontrado uma maneira de esconder o corpo de mulher que estava florescendo” (p.200).

<sup>7</sup> Se refere “a fórmula ‘desenho animado’, que se isolou no começo da última análise, que possibilitou captar até que ponto ela havia condicionado uma modalidade de gozo que incidia no corpo e na posição sexuada” (p.201).

HOLK, A.L.L. O gozo feminino e o Um. In: Opção Lacaniana, nº 62. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, dezembro 2011.

SALMAN, S. O mistério do corpo que fala. In: O que se passa? Análises lacanianas e outras histórias. HOLK, A. L. L. e SANTOS, A. R. (orgs.). Rio de Janeiro: Subversos, 2012.

SANTIAGO, J. O engodo viril. In: Opção Lacaniana, nº 68-69. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, dezembro 2014.

TUDANCA, L. Mujer-es. In: O que se passa? Análises lacanianas e outras histórias. HOLK, A. L. L. e SANTOS, A. R. (orgs.). Rio de Janeiro: Subversos, 2012.